

GOLDFARB, José Luiz. *Tratado da imortalidade da alma e discurso sobre a significação das letras hebraicas: análise de dois documentos judaicos seiscentistas*. In: MARTINS, R. A.; MARTINS, L. A. C. P.; SILVA, C. C.; FERREIRA, J. M. H. (eds.). *Filosofia e história da ciência no Cone Sul: 3º Encontro*. Campinas: AFHIC, 2004. Pp. 249-256. (ISBN 85-904198-1-9)

## **TRATADO DA IMORTALIDADE DA ALMA E DISCURSO SOBRE A SIGNIFICAÇÃO DAS LETRAS HEBRAICAS: ANÁLISE DE DOIS DOCUMENTOS JUDAICOS SEISCENTISTAS**

José Luiz Goldfarb \*

*Resumo – Por ocasião da descoberta de sítios arqueológicos na Sinagoga de Recife nos anos 90, diversos estudos têm sido empreendidos em torno à comunidade judaica que habitou o Brasil no período da dominação holandesa no Nordeste. Para nosso estudo queremos destacar dois documentos elaborados pelo rabino Mosseh Raphael d’Aguilar desta comunidade: Tratado da Imortalidade da Alma e Significado das Letras Hebraicas. No Tratado da Imortalidade da Alma encontraremos os reflexos na filosofia judaica dos grandes debates travados então no pensamento europeu do século XVII. Aqui podemos encontrar elementos de uma complexa transição entre o pensamento religioso medieval e o pensamento moderno científico. Já o livro Significado das Letras Hebraicas pode ser incluído no marco de curiosa literatura do século XVII que tem adquirido relevância no estudo das origens da ciência moderna.*

É hoje quase um consenso que a história do Brasil precisa ser reescrita. Os marcos de um novo paradigma começaram a se esboçar ao longo do século XX com trabalhos que introduziram novos documentos, novos olhares, redescobrimo as raízes brasileiras. Segundo este novo prisma a própria identidade nacional é redesenhada segundo uma emergente tessitura em que o papel dos brasileiros de origem africana, árabe, judaica e asiática é amplamente redimensionado. Um estudo exemplar nesta direção, dentro dos marcos da história da ciência contemporânea, é encontrado em “La ruta Salvador-Calicut. Un encontro entre dos mundos” (ALFONSO-GOLDFARB, 1993). Neste artigo a autora nos remete, através de ampla documentação, às influências árabes nos princípios da colonização brasileira, seja através dos conhecimentos náuticos e astronômicos envolvidos na própria navegação, seja nas

\* Programa de Pós-Graduação em História da Ciência / Centro Simão Mathias de Estudos em História da Ciência – PUC-SP, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: [belasartes@belasartes.com.br](mailto:belasartes@belasartes.com.br)

técnicas agrícolas do trabalho com a cana de açúcar para a obtenção do chamado ouro branco, nos primórdios da colonização, seja, ainda, num período posterior, a partir de finais do século XVII, nas técnicas de extração de metais nas Minas Gerais. A influência árabe é marcante em todos estes momentos, sendo exercida pelos próprios árabes que para cá vieram ou através dos escravos africanos que conheciam técnicas derivadas dos métodos árabes. O trabalho de Alfonso-Goldfarb refere-se a diversas fontes para concluir com Gilberto Freire:

No Brasil [...] sempre houve [...] algo de oriental que sobrepassa suas características ocidentais, algo de morisco [...] que contrasta com seus aspectos latinos; algo em fim o faz distinto das Américas Republicanas. (ALFONSO-GOLDFARB, 1993)

Até a metade do século XX prevaleceu uma visão eurocêntrica na história do Brasil; várias formas desta visão, bastante elaboradas e refinadas, estabeleceram-se em finais do século XIX e princípios do século XX. Imbuída de fundamentos positivistas travestidos de saber científico desenhou-se a identidade brasileira tendo como um de seus pilares a idéia da eugenia, do melhoramento deliberado da raça humana. Nos trabalhos de Maria Luiza Tucci Carneiro encontramos uma abrangente análise sociológica e política das raízes anti-semitas e da mentalidade racista modelada pelas teorias européias que persistem no Brasil até o final da segunda guerra, nos anos 40. Em recente trabalho dessa autora, apresentado como livre-docência na Universidade de São Paulo, em 2001, e intitulado *Cidadão do Mundo. O Brasil diante da questão dos refugiados judeus (1933-48)*, aprendemos que o apogeu do racismo político, especialmente o anti-semitismo, ocorreu no governo de Vargas e de Dutra, 1937-48. Segundo a pesquisadora, vivemos atualmente num processo de transição de uma democracia de elite, que excluiu as culturas africana, judaica, árabe e asiática, para uma democracia da sociedade civil, aonde cada cultura anteriormente excluída recupera sua voz e seu espaço. Alguns de seus principais trabalhos – em que demonstra a persistência de uma mentalidade racista no Brasil desde os tempos coloniais, sendo o governo Vargas e Dutra considerado como o auge da manifestação do anti-semitismo político – são : *Anti-semitismo na Era Vargas* , *Preconceito racial em Portugal e Brasil colônia* e *Brasil refúgio nos trópicos* (TUCCI, 1994; TUCCI 1997). A autora considera que hoje ocorre a reconstituição da história e recuperação da memória nacional. São as oportunidades que se apresentam para uma nova historiografia distante de uma verdadeira história da intolerância. Neste contexto se inserem os estudos dedicados a recuperação das várias manifestações culturais das populações tradicionalmente excluídas. Por outro lado, estudos sobre as idéias sobre eugenia no Brasil, dentro dos marcos da história da ciência foram realizados por Luzia A. Castañeda; entre eles podemos citar: “Da eugenia à genética: alcoolismo e hereditariedade nos trabalhos de Renato Kehl”, e, ainda, “Francis Galton y los teóricos raciales brasileños: Nina Rodrigues y la idea de raza” (CASTAÑEDA, 1995; CASTAÑEDA, 1997). Nestes trabalhos Castañeda analisa a utilização das idéias científicas oriundas da área da Biologia para a fundamentação de políticas de seleção racial.

Negros, judeus, árabes e asiáticos não fariam parte do ideal brasileiro de constituição racial. E, conseqüentemente, a história destes povos e de suas culturas milenares não seria contada nem escrita nos marcos da história do Brasil. Temos de buscar manuscritos e documentos originais para reescrever a história do Brasil, para reavivar a memória nacional.

É neste esforço arqueológico que podemos entender a publicação de uma interessante coletânea de textos do século XVII organizados por David Weitman. Uma coletânea de textos manuscritos e impressos acompanhadas de notas introdutórias e riquíssima pesquisa iconográfica (WEITMAN, no prelo).

Durante poucas décadas uma pequena comunidade judaica oriunda dos Países Baixos, manteve no nordeste brasileiro uma ativa vida social organizada em torno à Sinagoga do Recife. Os manuscritos e textos impressos em sua época e que agora compõem esta coletânea, revelam a riqueza do grupo que

se beneficiou da tolerância durante o domínio holandês para estabelecer no Brasil uma complexa ordem comunitária.

Conhecedores da língua portuguesa – por terem vivido anteriormente em Portugal, de onde passaram à Holanda fugindo das perseguições da Inquisição – teriam facilitado, em Recife, o contato com a população local – entre a qual se encontravam, mesmo, parentes seus – e muitos acolheram tal oportunidade. Além disso, muitos judeus que já se encontravam no Brasil como cristãos novos puderam voltar à vida comunitária plena.

O interesse de Weitman em torno a estes manuscritos e documentos impressos nasce no momento em que a Sinagoga Kahal Zur Israel (*Rocha de Israel* – expressão comum na tradição e liturgia judaica, talvez neste caso uma alusão às características geográficas de Recife) é “reinaugurada” no século XXI! Weitman participou como Rabino nas investigações arqueológicas ali realizadas e que nortearam a reconstrução, e assim buscou fontes textuais para melhor compreender os achados, no Brasil e na Holanda.

A conversão, nos tempos da Inquisição na Europa, não significava o fim da perseguição a muitos dos cristãos novos. O Brasil, como outras terras da América, foi, assim, uma saída para muitos cristãos novos e marranos. A comunidade da Sinagoga de Recife visava e preparava-se para o reencontro com estes judeus. Tais preocupações estão expressas nas Atas que formam o primeiro conjunto de manuscritos reproduzidos e transcritos nesta publicação. Vejamos o que nos dizem sobre esta questão:<sup>1</sup>

[...] que todos os moradores de nossa nação que no presente residem neste Recife e em todo estado do Brasil [bem como os] novos que vierem a ele, sejam *Yachidim* [judeus] deste K.K. [Comunidade Santificada] e sujeitos a guardarem suas *hascamot* [decisões, acordos, artigos e dispositivos da Constituição de uma congregação judaica] e ordens. Para o qual haverá um livro para que firmem tanto os presentes como os vindouros. Serão obrigados a débitos e fintas gerais que se fizerem para benefício de nossa nação, como os demais *Yachidim* deste K.K., ainda que sua residência seja na **Paraíba** ou em qualquer lugar [...]. (Atas, Estatutos, parágrafo 10; WEITMAN, *Bandeirantes espirituais do Brasil*, p. 43)

É interessante apontarmos a ênfase expressada com relação à **Paraíba** ao final desta citação do documento do Livro de Atas. Anita Novinsky em suas investigações tem nos demonstrado a existência de uma concentração de marranos nessa região exatamente nos séculos XVII e XVIII. Se num primeiro momento, na época imediatamente posterior à descoberta, a concentração de cristãos novos aconteceu na Bahia, a partir do século XVII seria a Paraíba a província a abrigar uma considerável população com raízes judaicas envolvida no trabalho agrícola, observadora, ainda que de forma secreta, das tradições mosaicas. A marcante presença marrana na Paraíba fica demonstrada graças ao trabalho de Anita Novinsky que tendo realizado extensas pesquisas nos arquivos do Santo Ofício, revelou fatos até então desconhecidos que permitiram análises também novas sobre

[...] um dos episódios ocorridos com uma parte do povo judeu, de origem sefardita, no Brasil [...] a História dessa comunidade faz parte da História do Brasil, pois eles eram brasileiros há muitas gerações e tomaram esta como sua pátria; e porque faz parte da História Judaica, pois, apesar de terem sido batizados, eles eram conhecidos na sociedade ampla em que viviam como judeus [...] a população judaica total da Paraíba por essa época era de três mil pessoas. Encontrei 300 nomes de cristãos novos e 50

---

<sup>1</sup> Atas, Estatutos, parágrafo no. 10. D. Weitman, *Bandeirantes espirituais do Brasil*, p.43.

processos. Encontrei também dois mil nomes denunciados no Brasil todo, nesse período, ou seja, vinte anos. E examinei 1078 processos de brasileiros que foram presos no Brasil todo. Segundo informações dos funcionários do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Portugal há cerca de 40 mil processos [...]. (NOVINSKY, *Na Paraíba Colonial: os Marranos ou Judaizantes*)

Nesse período de quatro décadas a comunidade judaica do Recife lançou a base para o florescimento cultural que sem dúvida mostraria todo o seu potencial em outras terras da América, mais ao norte, no Caribe e em Nova Amsterdã. Até hoje podemos visitar a ativa Sinagoga dos judeus Portugueses e Espanhóis de Nova York. Muitos também se espalharam pelo interior do sertão juntando-se aos cristãos novos que lá se encontravam. Como explica Anita Novinsky:

[...] desde o século XVI viviam no Brasil desdentes de judeus sefaraditas – (ou sefarditas, ou sefardins, etc) – e cristãos novos a maioria como lavradores de cana. Durante o período holandês, os judeus puderam viver livremente a sua religião e o número de cristãos novos que viviam na Paraíba de então aumentou muito com a vinda daqueles que, fugidos de Portugal e Espanha, haviam-se refugiado na Holanda. Quando os holandeses foram finalmente expulsos os cristãos novos e judeus que não quiseram sair do país refugiaram-se no sertão. Do encontro destes com aqueles que já se encontravam na região formou-se uma pequena, mas significativa comunidade, organizada ao redor de um sistema de crenças herdadas do judaísmo hispano-português, e que diferia fundamentalmente dos padrões impostos pelo catolicismo institucionalizado. (*ibid*)

Anita Novinsky através do estudo dos manuscritos dos processos da Inquisição consegue reconstruir uma caracterização bastante abrangente destas populações:

Este sistema de crenças manteve-se na clandestinidade durante séculos. Foi um judaísmo “sui generis”, que conseguiu manter-se forte, em parte por causa das perseguições e, em parte, por causa da forte influência familiar. A vinda dos judeus da Holanda trouxe novos elementos a essa comunidade que se conscientizou de seu papel como portadora de uma visão de mundo diferente daquela da sociedade ampla em que vivia. Pesquisando a história dos judaizantes – os marranos – encontrei cerca de 2 mil nomes de brasileiros denunciados como suspeitos de judaizantes, na primeira metade do século XVIII. Pertenciam a essas comunidades secretas, espalhadas por várias regiões do Brasil. Dos dois mil nomes, examinei 438 processos de judaizantes brasileiros que foram presos e levados a Portugal, 220 homens e 218 mulheres. Encontrei dentre eles 48 processos de judaizantes ou marranos da Paraíba dos quais 46 eram brasileiros, filhos e netos de brasileiros, e apenas dois eram nascidos em Portugal. Eles foram levados para Lisboa, inscritos nos autos de fé e condenados, alguns ao cárcere perpétuo, outros queimados vivos, outros receberam diferentes penas. Todos foram denunciados, presos, tiveram seus bens confiscados e, muitas vezes, seus familiares foram vítimas da Inquisição. (*ibid*)

Vemos assim que *O Livro das Atas da Sinagoga do Recife* reafirma as importantes teses de Anita Novinsky apontando a marcante presença judaica na Paraíba do século XVII, que recebe a influência da comunidade do Recife que aqui estudamos.

Nossa investigação tem se concentrado na análise de dois documentos do Rabino Moshe Raphael

d'Aguilar influente liderança comunitária que esteve no Brasil entre 1642 e 1654, partindo e retornando a Amsterdã. Se observarmos com atenção este Tratado, encontraremos os reflexos na filosofia judaica dos grandes debates travados então no pensamento europeu do século XVII.

Sabemos hoje que se deu, nesse século, uma complexa transição entre o pensamento religioso medieval e o pensamento moderno científico. Muitos pensadores considerados modernos e, portanto, tendo realizado um rompimento epistemológico e ontológico com o medievo, como Descartes, Galileu, Kepler e Isaac Newton - para citar apenas os mais conhecidos - são “redescobertos” pela nova historiografia da ciência como pensadores envolvidos com saberes que a Modernidade havia desprezado, como a Alquimia, a Cabala, a Astrologia, enfim a hermética, a magia e a própria religião. Por outro lado, a imagem de superação do aristotelismo medieval como desenhada pela Modernidade não corresponde aos achados da nova historiografia: o pensamento aristotélico é parte integrante das origens da ciência moderna. Também a influência dos jesuítas tem sido motivo de muitas investigações que apontam para um neo-aristotelismo presente nos pioneiros da ciência moderna. A importância dos jesuítas nas origens da ciência moderna é bem abordada, em sua complexidade, por em seu artigo “Alquimia e a Sociedade de Jesus no século XVII: estranhos companheiros” (BALDWIN, 1993); mais recentemente, temos os trabalhos de Ana Maria Alfonso-Goldfarb, entre os quais destacamos “O enciclopedismo e a ciência moderna” (ALFONSO-GOLDFARB, 2001).

Já o livro *Significado das letras hebraicas*, também de autoria do Rabino Mosseh Raphael d'Aguilar, pode ser incluído no marco de curiosa literatura do século XVII que tem ganhado relevância no estudo das origens da ciência moderna. O tratado fundamenta-se em pressupostos característicos da Cabala judaica. O mundo é estudado como dotado de uma infra-estrutura moral; as letras e os números permitem conhecer esta infra-estrutura subjacente ao mundo em sua dimensão moral, enquanto que os significados desvendados indicam caminhos para a investigação das forças determinantes dos acontecimentos. Para avaliarmos o alcance desses estudos, em sua época, devemos fazer referência, mais uma vez, à nova historiografia da ciência que desde os anos sessenta tem demonstrado que práticas mágicas ou práticas herméticas tiveram papel decisivo nas origens da ciência moderna, ao contrário do que se aceitava até então. Tomando um exemplo emblemático, sabemos hoje que Isaac Newton não tinha na Alquimia e na Cabala apenas um interesse paralelo a suas atividades como filósofo natural. Valiosas investigações a partir de originais manuscritos de Isaac Newton puderam demonstrar a importância destas tradições semitas (árabe e judaica) na formulação do pensamento científico de Newton e de muitos de seus contemporâneos.

A análise detalhada de sua correspondência, manuscritos, prefácios e outros textos não publicados, permite acompanhar décadas de debates, reflexões. Sabemos que em suas correspondências o filósofo natural inglês criticava a noção de espaço conceituada por Descartes no continente ao contrapor a visão cabalística constituída em torno à noção de O Lugar (HaMakom em hebraico, antiga denominação alternativa para a própria divindade). Uma detalhada análise do conceito de HaMakom ao longo de quase toda a história do pensamento judaico e sua influência no pensamento de Newton é encontrada no extenso artigo de Brian P. Copenhaver, “Jewish theologies of space in the scientific revolution: Henry Moe, Joseph Raphson, Isaac Newton and their predecessors” (COPENHAVER, 1980), onde lemos:

A História da exegese destas passagens da tradição judaica sobre especulações sobre a espacialidade de D'us nos ajuda a entender porque Newton as selecionou para sua nota nos *Principia*. Mas genericamente, toda a história desta tradição como ela passou dos rabis aos filósofos, Cabalistas e seus admiradores cristãos lança luz sobre aspectos relativamente pouco conhecidos do contexto teológico, filosófico e mítico-histórico no qual Newton trabalhou. Ninguém precisa fazer de Newton um Cabalista para acreditar que as teologias cabalísticas do espaço foram significantes itens na mobília mental de

sua época. (COPENHAVER, 1980)

A noção de forças entre os corpos do mundo, como a decisiva força da gravitação - a primeira força da natureza a receber um sofisticado e moderno tratamento matemático - é uma noção que Newton encontrou na tradição hermética acessível no século XVII europeu. Uma compreensão mais aprofundada do pensamento newtoniano pressupõe, assim, que estudemos manuscritos originais do século XVII como o *Significado das letras hebraicas*, aqui apresentado. Apenas dessa forma poderemos conhecer as tradições que tanto contribuíram para as origens da ciência moderna. Para Isaac Newton a força da gravidade não era de natureza distinta das noções que encontramos nesse tratado. O mundo como um todo - incluídos os fenômenos naturais - fundamenta-se no mundo moral e os *Principia* são assim, para seu autor, uma demonstração de como o estudo do simbolismo matemático permite conhecer e atuar no mundo dos fenômenos regido por forças de natureza divina.

A coletânea de Weitman inclui ainda manuscritos e documentos impressos relativos à atividade de cunho mais religioso da comunidade de Recife; são também de grande interesse para uma compreensão contextual do período. Ao lado das atividades organizativas, filosóficas, científicas, os judeus do Recife empreendiam um complexo sistema de cultos e festividades religiosas. Assim, enquanto as Atas expõem a organização social, financeira, política e também religiosa da comunidade, os Tratados mostram os grandes debates do pensamento filosófico e científico da época que dizem respeito, mais de perto, à história da ciência. Se a esses textos acrescentarmos os Sermões e outros escritos de teor mais profundamente religioso, mas que aprofundam muitas questões filosóficas, poderemos atender a um modelo historiográfico mais abrangente que permite a uma nova esfera de saber agregar-se a um conjunto concêntrico. A complexidade da história é encarada em sua multiplicidade de distintas esferas de ação e atuação. Os interesses e influências da tradição religiosa no contexto dos pensadores do século XVII tornam-se claramente relevante. Ao articularmos todas essas esferas permitimos que nossa análise estabeleça assim uma via de mão dupla entre a crônica e o saber (ALFONSO-GOLDFARB, 1993).

É importante destacar contribuições específicas do trabalho coordenado por Weitman que nos têm auxiliado em nossa pesquisa. Ainda que, por exemplo, as Atas tenham tido uma edição em 1953, feita por Arnold Wiznitzer, aí elas são simplesmente transcritas e não trazem uma cópia facsimilar.<sup>2</sup> Na publicação que ora se apresenta, todos os documentos apresentam uma versão facsimilar, belíssima e nitidamente reproduzida, e o texto em português atualizado; as citações das Escrituras, originalmente em hebraico, são transliteradas, facilitando a leitura por um público mais amplo.

O tratado da imortalidade da alma de Aguilar, como o título já afirma, é uma defesa da tese da imortalidade da alma questionada na época por muitos pensadores, talvez tendo em Espinosa sua maior expressão. A argumentação de Aguilar neste trabalho é um exemplo de um pensamento que tem sua base num aristotelismo bastante peculiar que permite a presença de argumentos nada aristotélicos, neoplatônicos e cabalísticos. Vejamos alguns dos argumentos dentre uma coleção de 36 silogismos:

[Silogismo III] Não há nenhuma potência corporal ou virtude orgânica que abre sobre si mesma; porque o olho (por exemplo) não pode ver a si mesmo, e os demais sentidos da mesma forma, não podem dobrar sua ação sobre si mesmos. Ora, todos experimentamos o fato de nosso entendimento se refletir sobre si mesmo e se conhecer e se contemplar, retornando a sua operação para dentro. Segue-se logo, que é sua natureza mais nobre que as cousas corpóreas e orgânicas e, por consequência, imortal. (WEITMAN, *Bandeirantes espirituais do Brasil*, 149)

---

<sup>2</sup> Ver a edição em *Anais da Biblioteca Nacional* (Rio de Janeiro), 74: pp. 214-236, 1953.

Iniciamos por um argumento tipicamente aristotélico que tece questões fundamentadas numa epistemologia e ontologia bem estabelecidas num sistema de pensamento; no seguinte silogismo já temos algo de distinto:

[Silogismo IV] A Faculdade material (como por exemplo, a sensitiva) não pode se elevar e levantar sobre a matéria, para entrar na menor conjectura que tenha algo de espiritual. Ora o conhecimento compreende as coisas espirituais – como D'us e os anjos, penetrando quando lhe parece, por sua contemplação, espaços infinitos e abrindo, como outro Eliahu, as portas do Céu, para considerar tudo aquilo que lá se faz. Logo o entendimento humano é espiritual e imortal. (*ibid*)

Aqui o argumento inicia-se como no caso anterior nos moldes aristotélicos, mas ao afirmar as capacidades especiais do conhecimento humano adentramos o terreno da mística judaica exemplificada nas visões proféticas. E apresentamos finalmente outro silogismo com características platônicas:

[Silogismo II] Platão, neste caso, procede desta sorte. Se as coisas corporais e corruptíveis são conhecidas pelos sentidos corporais e da mesma natureza a faculdade que conhecer as incorpóreas e imortais será também incorpórea e imortal. Ora o entendimento humano conhece aquilo que é desta última natureza, como as idéias e os universais. Logo se pode concluir que é incorporeal e imortal. (*ibid.*)

Apresentaremos agora uma breve análise do texto mais nitidamente hermético, o *Discurso sobre a significação das letras hebraicas*. Este discurso, também de autoria do Rabino Mosseh Raphael d'Aguilar, pode ser entendido dentro dos marcos da mística judaica que compreende serem as letras do alfabeto (Aleph Beith) constituintes da criação do mundo. Nesta tradição a comunicação é parte do mundo e não meio de comunicação para entender o mundo. As letras são neste discurso interpretadas com diferentes e simultâneos métodos e revelam aspectos da constituição do mundo. Nesta análise dos significados das letras nos previne Aguilar antes de iniciar a análise das letras em seu Discurso:

Bem considerado achamos que não somente as letras hebraicas têm cada uma delas per si seu sentido, mas ainda ajuntadas umas às outras. (WEITMAN, *Bandeirantes espirituais do Brasil*, p. 133)

Assim sua análise de significados variados tomará não apenas a letra isolada, mas também numa revelação de significados pelo seqüenciamento. A análise é pontual e também um traço.

O Aleph aparece ao início. Seu valor numérico é um (“na cifra hebraica vale um”). Cada letra tem seu valor numérico. Aqui é importante destacar que a relação entre letras e números na tradição judaica é um tanto mais complexa do que quando se aprende o sistema numérico romano (por exemplo, 2003=MMIII). Aqui se trata não apenas utilizar os valores numéricos das letras para significar números, mas compreender as próprias letras ou palavras a partir de seu valor numérico. A interação entre letra e números descobre um maior grau de liberdade e permite outras interpretações. Retornando ao Discurso de Aguilar observamos que Aleph significa D'us. A divindade é um em simplíssima unidade e é também o primeiro ente. Enquanto escrita a-l-e-f significa doutrinar e Aguilar conclui sintetizando os dois significados da letra Alef (cifra e escrita):

este D'us é a primeira verdade da qual procede toda a ciência. (WEITMAN, *Bandeirantes espirituais do Brasil*, p. 133)

A seguir Aguilar desloca-se do nome Alef da letra e examina a palavra elef também formada pelo mesmo radical de Alef. Elef é na cifra hebraica 1000 que é interpretado com o fim do número. Assim sua segunda conclusão: “a significação é que D’us é o princípio e o fim de todas as coisas” (*ibid*).

No próximo passo Aguilar inverte a leitura destas letras obtendo Pele (uma vez que F=P), cujo o significado em hebraico é admirável (miraculoso) – atributo de D’us. Na seqüência a letra é tomada como figura: Alef, pictoricamente é uma linha com dois pontos simbolizando outras duas letras hebraicas: com a letra Vav (a figura da linha) e duas letras yud (a figura de um ponto. Tomando o seus valores numéricos temos vav=6 e yud=10. Temos então 6 + (2x10), a cifra hebraica 26, portanto o mesmo valor do Nome, o Tetragrama impronunciável.

Tomemos agora a segunda letra para acompanharmos a continuidade no processo de significação de Aguilar: “temos na cifra 2, e significa com suas letras escritas, esta forma bait, casa. Isso é que de um, que é D’us, procedeu e foi seguido o mundo”.

Segundo Aguilar como figura esta Casa (mundo), com o formato aproximado de uma letra C, tem sua porta aberta para diante, mas uma porta atrás mostrando a dependência que tem simplesmente de D’us.

A análise mais detalhada deste texto pressupõe assim um aprofundamento das diversas linhas interpretativas utilizadas pelos pensadores judeus que viveram no século XVII, literalmente, entre o Novo e Velho Mundo. Estes pensadores viajavam o mundo trazendo em seus baús verdadeiros tesouros que apenas há poucas décadas começam a se tornar objeto de investigação histórica. Sem dúvida temos muito a conhecer estudando o pensamento daqueles que forjaram o Brasil.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALFONSO-GOLDFARB, Ana Maria. La ruta Salvador-Calicut: Un encuentro entre dos mundos. In: LAFUENTE, A.; ELENA, A.; ORTEGA, M.L. (orgs.). *Mundialización de la ciencia y cultura nacional*. Madrid: Editorial Doce Calles / Universidade Autonoma de Madrid, 1993.
- . O enciclopedismo e a ciência moderna. In: GOLDFARB, José Luiz; FERRAZ, Márcia Helena (eds.). *Anais do VII Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia*. São Paulo: EDUSP/EDUNESP/ IMESP, 2001. Pp. 55-59.
- BALDWIN, Martha. Alchemy and the Society of Jesus in the seventeenth century: strange bedfellows? *Ambix* 40: 46-60, 1993.
- CASTAÑEDA, Luzia A. Francis Galton y los teóricos raciales brasileños: Nina Rodrigues y la idea de raza. In: ACEVES, Patricia Pastrana (ed.). *Las ciencias químicas en formación de un mundo nuevo*. México DF: Univ. Autónoma Metropolitana, 1995.
- . Da eugenia à genética: alcoolismo e hereditariedade nos trabalhos de Renato Kehl. In: ALVES, Isidoro; MORAES, E. (eds.). *Anais do VI Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia*. Rio de Janeiro: SBHC, 1997. Pp. 252-256.
- COPENHAVER, Brian P. Jewish theologies of space in the scientific revolution: Henry Moe, Joseph Raphson, Isaac Newton and their predecessors. *Annals of Science* 37: 489-548, 1980.
- NOVINSKY, Anita. Na Paraíba colonial: os Marranos ou Judaizantes. In: NÓBREGA, E. (org.). *Capítulos de história da Paraíba*. João Pessoa: Editora Onoa.
- TUCCI, Maria Luiza Carneiro. *Preconceito racial em Portugal e Brasil colônia*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- . *Brasil refúgio nos trópicos*. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1997.
- . *Anti-semitismo na Era Vargas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.
- WEITMAN, David. *Bandeirantes espirituais do Brasil*. São Paulo: Editora Maayanot [no prelo].